ques heterodoxos de preços e salários entre 1986 e 1994. Nesse período, a economia teve um desempenho irregular e chegou a ser recessiva. Deve-se notar porém que os baixos preços provocaram aumento na taxa de abate de matrizes, que passou do patamar de 20-25% nos anos 80 para 25-30% nos 90. Além disso, a produção vem aumentando sempre, revelando enorme melhora nos índices zootécnicos, mesmo com os preços cadentes da década de 90.

Ante um mercado competitivo e global no complexo de proteína animal, os programas de produtividade e qualidade na pecuária de corte serão a pedra angular, não só do ponto de vista da criação, mas de todo o seu agribusiness. Nos últimos anos, a carne vermelha vem perdendo participação de mercado, em contraposição à ascensão da avicultura em quase todos os países, inclusive no Brasil, via menores preços relativos, resultando em significativos acréscimos de consumo e de produção.

Os números são provocativos mas permitem levantar algumas discussões sugestivas. A situação A mostra uma pecuária bem próxima da praticada no Brasil do início dos anos 80. Nas situações B e C, o quadro é próximo ao existente nos EUA. A comparação pode ser feita sobre as margens fixadas por ciclo. Aqui, adotaremos 15 e 30%.

O importante é verificar que na situação B a margem somente ficará negativa se os preços ficarem inferiores a US$14/@. E mais, a um preço de US$16,4/@, portanto, 65,6% ao da situação A, a margem acumulada para o horizonte de cinco anos ainda assim é igual. Mas isso não é tudo, para acompanhar a remuneração do capital nos mercados internacionais; uma margem razoável seria de 25 a 30% para dois e meio a três anos. Há muita produtividade ainda a ser conquistada pela pecuária de corte nacional.

Cenários futuros da pecuária de corte

Três situações previstas: A, B e C

Item	A	B	C
Margem por ciclo (%)	30	30	15
Ciclo de produção (anos)	4,5/5	2/2,5	2/2,5
Preço (US$@)	25	20	16,14
Custo (US$@)	17,5	14	14
Giro em 5 anos	1	2	2
Rentabilidade em 5 anos (%)	30	60	30

Ao que tudo indica, os dias do ciclo de longo prazo da pecuária de corte deixaram definitivamente de existir em algum momento de meados do primeiro qüinqüênio dos anos 80. A instabilidade e os choques econômicos ofuscaram essa constatação. O efeito substituição de outras carnes, a preços mais acessíveis ao consumidor, além do confinamento e semiconfinamento, que lhe garante uma oferta mais regular ao longo do ano, tem tirado da carne vermelha o privilégio de ditar a intensidade das altas e das baixas no mercado de proteína animal.

LUIZ ANTONIO PINAZZA E LUIZ CARLOS DE MOURA

Os autores são, respectivamente, gerente administrativo de negócios e engenheiro agrônomo da Assessoria de Estudos Econômicos da Agroceres.

AFTOSA

Febre aftosa e exportações

Focos de febre aftosa no país prejudicam a imagem do produto brasileiro no exterior. A situação atual do rebanho é a melhor dos últimos 10 anos, mas só em 2005 o vírus da aftosa deverá estar erradicado no Brasil.

A conquista e a manutenção da posição brasileira no mercado internacional de carne bovina desempenham um importante papel no que se refere à regulação dos preços internos, sobretudo quando as condições do mercado doméstico desfavorecem os empresários nacionais.

Tradicionalmente alvo de tabelamentos e congelamentos no passado, o mercado de carne se ressentia das medidas governamentais de controle de preços e as exportações representavam uma saída para dar suporte à rentabilidade dos frigoríficos.

Durante os primeiros cinco anos da década de 80, a carne bovina brasileira obtinha um elevado grau de competitividade no mercado internacional, com preços significativamente inferiores aos praticados nos EUA e antiga CEE.[1] Tal fato era decorrente dos contrastes entre os sistemas de criação brasileiro e o europeu e norte-americano. Esta defasagem de preços

[1] *Agroanalysis*, mar. 1986, v. 10, n. 3.

Brasil — exportações de carne — 1981-96

	Equiv. carcaça mil t	Industrializada mil t	*In natura* mil t	Milhões US$	Industrializados milhões US$	*In natura* milhões US$	Preço médio US$/t E.C.
1981	254	185	69	386	296	90	1.520
1982	322	203	119	376	259	117	1.168
1983	450	250	200	474	303	171	1.053
1984	508	283	225	582	315	267	1.146
1985	537	285	272	526	282	244	980
1986	389	229	160	386	235	151	992
1987	321	182	139	431	238	193	1.343
1988	579	279	300	634	294	340	1.095
1989	345	257	88	324	228	96	939
1990	249	149	100	234	141	93	940
1991	326	252	74	398	260	138	1.221
1992	444	320	124	634	353	281	1.428
1993	392	290	102	516	291	225	1.316
1994	358	270	88	522	296	226	1.458
1995	269	225	44	445	287	158	1.654
1996	300	235	65	470	300	170	1.587

Fonte: Abiec.
Obs.: A Abiec representa aproximadamente 94% dos exportadores brasileiros.

Aftosa — circuitos pecuários — metas de controle do Ministério da Agricultura

Circuitos pecuários	Área de abrangência	Ausência de casos clínicos	Erradicação
Sul	RS, SC e PR (Sul)	Dez. de 1994	Dez. de 1997
Centro-Oeste	PR (Norte), SP, MS, MT, GO, DF, TO (parte), MG (parte)	Dez. de 1997	Dez. de 2000
Leste	MG (parte), ES, RJ, BA	Dez. de 1997	Dez. de 2000
Nordeste	SE, AL , PE, PB	Dez. de 2000	Dez. de 2005
Norte	TO (parte), PA, AP, RO, AM, AC e RO	Dez. de 2000	Dez. de 2005

Fonte: Mara.

deriva precipuamente da forma extensiva da criação brasileira, em que o capim constitui o principal alimento das reses, diferentemente da pecuária européia ou norte-americana, em que os animais mais apurados são arraçoados e têm manejo de custos elevados. Os baixos custos da criação extensiva, no caso, compensam, com sobras, a menor receita proveniente da pequena taxa de desfrute do rebanho bovino brasileiro.[2] O impulso observado nas exportações brasileiras naquele período havia sido favorecido também pela queda das cotações do boi gordo no mercado interno.[3]

O fortalecimento da posição brasileira no mercado mundial, no entanto, esbarrou em dois entraves básicos: segundo a Cepa de Santa Catarina, a rápida expansão da produção européia e o aumento na taxa de confinamento de gado misto (leite e corte), agregados às barreiras não-tarifárias às importações, limitaram maiores ambições dos empresários brasileiros, e as exportações nos últimos 15 anos mostraram-se muito irregulares.

Ultimamente, com o avanço das negociações do antigo Gatt para reduzir subsídios à produção agrícola, o perfil dos fatores limitantes à colocação da carne brasileira na Europa (tradicionalmente nosso maior comprador) foi desfocado da questão dos subsídios (antes a principal barreira) para os impedimentos de ordem sanitária. Ou seja, os europeus passaram a enfatizar muito a questão sanitária para desviar um pouco a atenção sobre a barreira maior, que eram as subvenções governamentais aos produtores rurais. Tanto que o nível de subsídios em 1996 foi utilizado como pico a partir do qual se estabeleceria o esquema das reduções das subvenções. Isso não quer dizer, entretanto, que fosse infundado o temor da reintrodução do vírus da febre aftosa: trata-se de doença cujas conseqüências sobre a produção de carne e leite são severas e da qual a Europa já havia conseguido se livrar.

Aftosa, fator discriminatório

De acordo com o Ministério da Agricultura, o mundo estaria atualmente dividido em dois grandes blocos: países onde ocorre a febre aftosa e países livres da aftosa. De acordo com a Divisão de Febre Aftosa

[2] Idem
[3] Idem

do Mara, o bloco livre da aftosa é constitituído pelo Japão, América do Norte, América Central e Europa. Mas o vírus ocorre ainda em boa parte do mundo: África, Ásia e América do Sul.

Apenas para se ter uma idéia sobre os efeitos da febre aftosa sobre a produção, sabe-se que o animal infectado apresenta aftas na boca, no úbere e patas. Desta forma, não come adequadamente e nem caminha direito. Embora a mortalidade seja rara em adultos e mais freqüente em animais jovens, a queda de produção de carne e leite é drástica, devido ao evidente enfraquecimento do animal.

Brasil — situação atual da pecuária de corte

	1994	1995	1996*
Rebanho bovino (milhões de cabeças)	161,30	165,10	169,00
Taxa de desfrute do rebanho (%)	16,12	16,35	16,59
Abate (milhões de cabeças)	26,00	27,00	28,00
Produção de carne (mil t equiv. carcaça)	5.200,00	5.400,00	5.607,70
Consumo *per capita* (kg em equivalente carcaça)	32,60	34,60	35,00
Consumo interno (mil t em equivalente carcaça)	5.017,50	5.385,60	5.527,70
Exportação (mil t em equivalente carcaça)	378,40	289,50	330,00
Importação (mil t em equivalente carcaça)	195,90	275,20	250,00

Fonte: Secretaria da Receita Federal/MF, Embrapa, IBGE.
* Dados estimados.
Obs.: A taxa de crescimento do rebanho para 1996 foi estimada em 2,34%.
A taxa de crescimento do abate para 1996 foi estimada em 3,8%.

De acordo com a Cepa de Santa Catarina, a intensificação da ocorrência da febre aftosa na década de 70, por outro lado, forçou uma rápida modernização das indústrias brasileiras de carne, uma vez que estas deveriam ser tecnologicamente capazes de atender ao mercado externo de carne processada (outros tipos que não o *in natura*). A esse respeito, cabe comentar que a parcela da indústria voltada para o mercado externo destaca-se por seu adiantamento tecnológico, equiparando-as a seus concorrentes internacionais. Segundo a *Revista Nacional da Carne*, a participação do Brasil no mercado internacional não está condicionada a fatores de ordem tecnológica da indústria frigorífica, mas a fatores de política externa dos exportadores e/ou concorrentes.

De acordo com a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas (Abiec), o perfil das exportações brasileiras nos últimos 15 anos está assim distribuído por destino: 60% para a União Européia, 10 a 14% para os EUA, 6 a 8% para Oriente e Oriente Médio e o restante dividido em diversos outros países. EUA e Japão não aceitam carne *in natura*, alegando temor de reintrodução do vírus.

Melhora condição sanitária do rebanho

De acordo com os empresários do setor, não se sabe em quanto a febre aftosa afeta o mercado exportador brasileiro. Entretanto, há um consenso entre técnicos e industriais de que fortes razões de natureza política se agregam silenciosamente às restrições sanitárias para limitar as pretensões brasileiras neste comércio.

As sanções comerciais devido à aftosa variam muito de ano para ano. Em março do ano passado, a União Européia, após a vinda de uma missão da comunidade, impôs uma restrição temporária às importações de carnes frescas provenientes de São Paulo e Minas Gerais. Como a determinação imposta tinha um tempo muito curto de vigência (três meses), duvida-se que tal medida tivesse apenas a intenção de resguardar a Europa do vírus, uma vez que em tão curto período de tempo as condições sanitárias do rebanho brasileiro dificilmente apresentariam alteração. A medida, se prolongada, provocaria impacto significativo sobre as exportações, uma vez que cerca de 80% dos frigoríficos exportadores estão em São Paulo, de acordo com a Abiec.

O foro para discussão das restrições comerciais em função da questão sanitária será a Organização Mundial de Saúde (OMC), estando as inspeções a cargo do Office International des Epiozooties (OIE).

O Ministério da Agricultura está otimista com relação às condições do rebanho brasileiro. Entre 1984 e 1990, registravam-se no país entre 1.000 e 1.500 focos da doença por ano.[4] Em 1994, no entanto, os casos cresceram significativamente, alcançando 2.093 focos. Em 1995, o resultado foi o melhor em 10 anos: 589 focos, ou seja, uma redução de 70% em relação a 1994.

Embora as exportações brasileiras de carne bovina representem pouco no universo total da atividade, é imprescindível que o Brasil persiga decididamente a erradicação da aftosa, colocando-se no bloco dos países livres concorrendo com eles apenas pelos critérios convencionais da competitividade.

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO

[4] Cada foco corresponde a um rebanho contaminado, ou seja, propriedade que registre pelo menos um caso da doença em seu rebanho durante o ano.

Colaborou neste artigo dra. Denise Euclydes Marinho Costa—chefe da Divisão de Febre Aftosa do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária.